1 - Estruturalismo linguístico

Gilson Chicon Alves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALVES, G. C. Estruturalismo linguístico. In: CARVALHO, C. I. C., and BARBOSA, J. R. A., ed. *Teorias linguísticas: orientações para a pesquisa* [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2021, pp. 13-41. ISBN: 978-65-87108-25-4.

<https://doi.org/10.7476/9786587108629.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1

ESTRUTURALISMO LINGUÍSTICO

Gilson Chicon Alves

1.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, teceremos considerações acerca das ideias elaboradas por Ferdinand de Saussure sobre estruturas linguísticas. Essas ideias foram publicadas após o falecimento de Saussure, sob o título *Curso de Linguística Geral*, uma obra resultante de anotações feitas por seus alunos ao longo de alguns anos. Nosso propósito é apresentar ao leitor uma visão panorâmica das principais teses elaboradas pelo pai da Linguística moderna, tendo em vista sua importância para o surgimento da escola denominada Estruturalismo, cujos pensamentos influenciaram fortemente os estudos desenvolvidos nessa área ao longo das primeiras décadas do século XX e ainda hoje servem como ponto de partida para a compreensão da fundação dessa disciplina.

É consenso entre os estudiosos pluralizar a palavra Estruturalismo, em reconhecimento ao fato de que essa escola linguística deu origem a outros modos de pensar, além daquele apresentado pelo mestre franco-suíço, mas, neste capítulo, vamos tecer considerações apenas sobre a proposta desse pesquisador.

1.2 Surgimento da teoria

No intervalo entre 1906 e 1911, um professor da Universidade de Genebra, chamado Ferdinand de Saussure, ministrou pelo menos três cursos de Linguística Geral e algumas conferências, nas quais apresentou uma proposta de descrição linguística tida como inovadora para os padrões daquela época: inovadora em relação às tendências predominantes no período, que tinham por fim estabelecer comparações entre as línguas europeias, confirmando-as como pertencentes a uma origem comum, o tronco indo-europeu.

Ao contrário dos estudos diacrônicos comparatistas, Saussure apresentou uma abordagem sincrônica que pretendia servir de modelo para a descrição não apenas de uma língua, mas de todas as línguas naturais. Infelizmente, o mestre genebrino não teve tempo de publicar suas ideias, por encontrar-se acometido por uma doença que interrompeu sua vida em 1913, aos 55 anos. Contudo, suas ideias foram compiladas e publicadas três anos após sua morte por um grupo de alunos – Bally, Riedlinger e Sechehaye – que alguns anos mais tarde assumiriam a responsabilidade de difundi-las. Graças a esses alunos, temos o Curso de Linguística Geral proposto por Saussure e que serve como a principal base para o início de uma escola linguística denominada Estruturalismo.

1.3 Princípios teóricos

A primeira proposição de Saussure é definir os limites da disciplina Linguística. De acordo com esse pesquisador, a Linguística deve

a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas mães de cada família; b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; c) delimitar-se e definir-se a si própria (SAUSSURE, 1995, p. 13).

Como podemos compreender da declaração acima, Saussure atribui à Linguística a tarefa de descrever os sistemas linguísticos – num plano sincrônico – e também a de fazer a história destes. Essa disciplina deve ter como objeto de estudo a língua, pois “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 1995, p. 16). Essa declaração nos permite entender que a língua é uma entidade menos abrangente que a linguagem e nesta está contida. Sobre esse objeto que deve ser delimitado, o mestre pergunta:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação (SAUSSURE, 1995, p. 17).

A língua é concebida como um sistema autônomo que “conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 1995, p. 32), ou seja, “uma ordem

interior nas coisas que concernem à linguagem” (SAUSSURE, 1995, p. 66) e deve ser “considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1995, p. 271), o que deve ser o objeto de estudo da Linguística.

1.3.1 Tipos de Linguística

Saussure distingue dois tipos de Linguística, por ele chamados de Linguística interna e Linguística externa. A externa “pode acumular pormenor sobre pormenor sem se sentir apertada no torniquete dum sistema” (SAUSSURE, 1995, p. 31), é a disciplina que se relaciona com outras disciplinas como, por exemplo, a História, a Geografia, a Filosofia, a Sociologia etc., procurando explicar os fatos da língua por meio de informações emprestadas dessas disciplinas.

A Linguística interna, pelo contrário, se interessa apenas pelas relações internas da língua como sistema. Saussure ilustra a distinção entre os dois tipos de Linguística por meio da metáfora de um tabuleiro de xadrez, em que “nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno: o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e às regras” (SAUSSURE, 1995, p. 32).

Podemos fornecer mais um exemplo simples a título de ilustração, com a realidade da língua portuguesa: podemos estudar sua história, desde a origem, quando o Condado Portucalense foi fundado, passando pelos períodos proto-histórico, português arcaico e português moderno, assinalando os fatos históricos e a contribuição que outras línguas, culturas e sociedades deram para que essa língua pudesse apresentar a feição que ela exhibe no século XXI e esse estudo estará no âmbito da Linguística externa.

Por sua vez, a Linguística interna promove um estudo imanente da língua, que pode ser ilustrado pela classificação das vogais do português brasileiro feita por Câmara Júnior (1997). Para esse autor, se quisermos responder à pergunta “quantas vogais há na língua portuguesa?”, deve-

mos considerar a posição que essas vogais ocupam na palavra. Segundo ele, o sistema de vogais da língua portuguesa é composto por 07 vogais se partirmos da posição tônica da palavra, o que pode ser ilustrado da seguinte maneira:

Quadro 1 – Sistema vocálico do Português

Altas	/u/		/i/	
Médias	/ô/		/ê/	2º grau
Médias	/ó/		/é/	1º grau
Baixa		/a/		
	Posteriores	central	Anteriores	

Fonte: Câmara Júnior (1997, p. 43).

A descrição acima conta 07 vogais, considerando a posição tônica. Assim, podemos encontrar esses segmentos em palavras do tipo (urubu, caqui [altas]; vovô, peleja [médias de 2º grau ou médias altas]; vovó, Pelé [médias de 1º grau ou médias baixas]; e arara [baixa]. Para fazer essa descrição, o autor considerou apenas a língua em si mesma, a forma como o sistema está estruturado, o tipo de regra que adota para escolher suas vogais, as quais podem ocupar as posições nucleares nas sílabas. Nas palavras de Saussure, é como se o sistema interno da língua se apertasse em um torniquete.

1.3.2 Linguística da língua e Linguística da fala

Saussure também distingue uma linguística da língua e uma da fala. O motivo dessa distinção é que o autor estabelece uma oposição entre língua e fala devido a suas características inerentes. Sua preferência é pela língua, entendida pelo sistema propriamente dito. Suas características, citadas abaixo, foram reproduzidas do Curso de Linguística Geral, (doravante, CLG), de Saussure (1995):

- a) A língua é a parte social da linguagem, “exterior ao indivíduo que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 1995, p. 22). Em seguida, o autor afirma: “A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve” (SAUSSURE, 1995, p. 23).
- b) A língua é uma parte determinada, essencial da linguagem, porque deve ser encarada como a norma de todas as outras manifestações desta (SAUSSURE, 1995, p. 17).
- c) A língua não “constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente” (SAUSSURE, 1995, p. 22).
- d) A língua é coletiva, sendo que cada indivíduo membro de uma determinada comunidade possui “sinais depositados” em seu cérebro que lhe permitem comunicar-se. “Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários” (SAUSSURE, 1995, p. 27).

Por outro lado, a fala tem as seguintes características:

A fala é “um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º: as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º: o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (SAUSSURE, 1995, p. 22).

Pela citação acima, podemos entender que a fala não é essencial, por não ser permanente. Ela é mais ou menos acidental, depende da vontade e da inteligência do indivíduo e, por isso, não pode servir como objeto de estudo científico.

1.3.3 A dicotomia língua falada x língua escrita

Uma outra oposição – ou dicotomia – é estabelecida entre língua falada e língua escrita. A primeira é aceita como natural, é o objeto da Linguística. A escrita, por sua vez, representa a língua oral. Entretanto, como observa o pesquisador, as sociedades dão maior prestígio à escrita por quatro razões por ele apontadas:

- a) “Primeiramente, a imagem gráfica das palavras nos impressiona como um objeto permanente e sólido, mais adequado do que o som para constituir a unidade da língua através dos tempos [...]” (SAUSSURE, 1995, p. 35).
- b) “Na maioria dos indivíduos, as impressões visuais são mais nítidas e mais duradouras que as impressões acústicas [...]” (SAUSSURE, 1995, p. 35).
- c) “A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita” (SAUSSURE, 1995, p. 35).
- d) “Por fim, quando existe desacordo entre a língua e a ortografia, o debate é sempre difícil de resolver por alguém que não seja o linguista; mas como este não tem voz em capítulo, a forma escrita tem, quase fatalmente, superioridade; a escrita se arroga, nesse ponto, uma importância a que não tem direito” (SAUSSURE, 1995, p. 36).

1.3.4 O signo linguístico

Um outro conceito desenvolvido por Saussure é o de signo linguístico. As anotações contidas no CLG iniciam declarando que “para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (SAUSSURE, 1995, p. 79). A afirmação de que a língua seria uma “nomenclatura, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” é uma resposta a uma tradição que remonta a um capítulo da Bíblia em que

Adão atribui um nome a seres e coisas já existentes, como se utilizasse a língua para nomeá-los.

O linguista continua: “Tal concepção é criticável em numerosos aspectos. Supõe ideias completamente feitas, pré-existentes às palavras” e “ela não nos diz se a palavra é de natureza vocal ou psíquica, pois *arbor* pode ser considerada sob um ou outro aspecto; por fim, ela faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade” (SAUSSURE, 1995, p. 79).

Podemos ilustrar a crítica do linguista genebrino com o exemplo que ele deu acima: a palavra *arbor*. Observe no quadro 2:

Quadro 2 – Palavra árvore em alguns idiomas

LÍNGUA	PALAVRA
Latim	Arbor
Português	árvore
Inglês	Tree
Alemão	Baum
Norueguês	Treet
Romeno	Copac
Nederlandês	Boom
Samoano	Lau
Cebuano	Kahoy
Islandês	Tré

Fonte: autor (2021)

No quadro acima, temos a mesma palavra traduzida em 10 diferentes línguas, o que significa dizer, segundo o pensamento do mestre, que cada uma dessas designa a mesma realidade (árvore) com nome diferente. Portanto, não existe uma coincidência entre a língua e o mundo, no sentido

de dizer que cada ser e cada coisa já possuem um significado em si próprios. Se fosse assim, todas as línguas designariam árvore pela mesma palavra.

O signo linguístico, exemplificado acima por árvore, recebe uma primeira definição de Saussure como “[...] a combinação do conceito e da imagem acústica” (SAUSSURE, 1995, p. 81). Ele explica:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 1995, p. 80).

A imagem acústica está intimamente ligada ao conceito e “um reclama o outro” (SAUSSURE, 1995, p. 80). Porém, como observa o mestre, o termo signo já era utilizado antes da realização do SAUSSURE, com a diferença de que seus antecessores o utilizavam apenas como sinônimo de imagem acústica. Afirmo o linguista: “Esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito “árvore”, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total” (SAUSSURE, 1995, p. 81).

De acordo com a declaração acima, o signo é constituído pela soma do conceito mais a imagem acústica, mas pode ser entendido como empregado apenas para a imagem acústica. O mestre vê no uso dessa terminologia uma possibilidade de ambiguidade e diz que ela

desapareceria se designássemos as três noções aqui presentes [signo, conceito, imagem acústica] por nomes que se relacionem entre si, ao mesmo tempo que se opõem”. Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Quanto a

signo, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro (SAUSSURE, 1995, p. 81).

Em outras palavras, se antes o signo era uma entidade representante de uma ideia, agora, com Saussure, essa correspondência não mais existe, pois também não há uma correspondência entre a língua e o mundo. O signo é a associação entre significante e significado, tão intimamente relacionados quanto as duas faces de uma folha de papel: se uma face for cortada, com certeza a outra também será. Cada língua constitui um sistema linguístico, que por sua vez é composto por signos e cada um destes mantém uma relação de oposição com os demais dentro do próprio sistema.

O signo saussureano obedece a alguns princípios, sendo o primeiro deles a arbitrariedade.

1.3.4.1 A arbitrariedade do signo

Saussure (1995, p. 81) inicia afirmando que “O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”. Por arbitrário, o linguista franco-suíço quer dizer que

não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 1995, p. 83).

Como exemplo dessa arbitrariedade, o mestre cita a sequência de sons que forma a palavra mar [m-a-r] e afirma que não existe nenhuma relação

natural entre esta e a ideia do que seja mar. Em outras palavras, a sequência acima (significante) foi escolhida para representar o que conhecemos por mar (significado), mas poderia ter sido qualquer outra.

Mas a ideia de arbitrariedade do signo não se aplica a todos os signos, pois o mestre admite que há alguns que são “inteiramente arbitrários”, o que nos permite entender que nem todos o são inteiramente. O mestre considera o símbolo um exemplo de signo que não é completamente arbitrário, porque este “tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo” (SAUSSURE, 1995, p. 82).

O exemplo de signo que não é inteiramente arbitrário é o da balança, que representa a justiça: ele é relativamente motivado pelo fato de uma balança se prestar ao peso, simbolizando a igualdade e a justiça, diferentemente de um carro.

No final da explanação dessa seção, o mestre assinala duas objeções, ou, em outras palavras, dois contraexemplos que algum contraditor poderia apresentar: as onomatopeias e as exclamações. As primeiras são refutadas com dois argumentos: 1. “não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico” (SAUSSURE, 1995, p. 83). 2. O número de ocorrências desse tipo de palavra é muito pequeno em relação às outras classes do sistema. Quanto às exclamações, também são em quantidade pequena no sistema. Ambos os tipos de signo são chamados de secundários e “sua origem simbólica é em parte contestável” (SAUSSURE, 1995, p. 84).

No capítulo VI do CLG, intitulado Mecanismo da Língua, Saussure volta a abordar a arbitrariedade dos signos, fazendo, dessa vez, uma correção sobre o princípio: o autor apresentou primeiro o signo como arbitrário, no sentido de dizer que era imotivado; depois, um pouco mais à frente, admitiu a ideia de que há aqueles que são inteiramente arbitrários – o que nos

faz entender que também há os que não são inteiramente –; no capítulo VI, ele faz uma correção no sentido de aperfeiçoar a formulação do princípio:

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado (SAUSSURE, 1995, p. 152).

A escala da arbitrariedade é ilustrada pelo mestre com dois grupos de palavras:

Quadro 3 – Escala de arbitrariedade segundo Saussure

ABSOLUTOS	RELATIVOS
Vinte	Vinte e um etc.
Dez	Dezenove
Pera	Pereira
Maçã	Macieira
Vaca	Vaqueiro

Fonte: SAUSSURE (1995, p. 152)

O que distingue as palavras dos dois grupos é que, no primeiro, não há nenhum tipo de ligação entre o significante e o significado – daí chamarem-se absolutamente arbitrários –, ao passo que, no segundo, há uma ligação: o usuário da língua já conhece a palavra vaca e também o sufixo -eiro, formador de profissão.

Se chamarmos os signos da tabela acima, classificados como absolutamente arbitrários – imotivados –, de palavras primitivas e os classificados como relativamente arbitrários – motivados – de palavras derivadas podemos concluir que os primeiros são exemplos do “princípio irracional da

arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, 1995, p. 154) irracional no sentido de que os signos são criados sem que haja uma relação, mesmo que mínima, entre o significante e o significado.

Por outro lado, os segundos introduzem os princípios de ordem e de regularidade em parte dos sistemas linguísticos que resultam em economia para estes: o sistema cria o sufixo -eira para designar o signo macieira, por exemplo, e este pode se aplicar a outros substantivos que nomeiem árvores que dão frutas, como pereira etc., evitando que o sistema precise criar uma nova palavra. Logo, o ato de reunir dois signos dos tipos maçã e -eira para formar macieira pode ser considerado racional no sentido de que o usuário do sistema utiliza elementos já conhecidos do sistema para possibilitar uma maior previsibilidade do sentido, uma regularidade do sistema. A esse respeito, Saussure (1995, p. 153) postula:

Tudo que se refira à língua enquanto sistema exige, a nosso ver, que abordemos desse ponto de vista, de que pouco cuidam os linguistas: a limitação do arbitrário. É a melhor base possível. Com efeito, todo o sistema da língua repousa no princípio irracional da arbitrariedade do signo que, aplicado sem restrições, conduziria à complicação suprema; o espírito, porém, logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa dos signos, e esse é o papel do relativamente motivado.

De fato, se não houvesse signo relativamente motivado, o sistema linguístico chegaria a uma complicação suprema. A criação de alguns sufixos do tipo -eira, -eiro, -mente etc. – que Saussure chama de elementos formativos transparentes – favorece a ordem e a regularidade na língua. As sequências dadas pelo próprio autor nos permitem perceber a importância que o autor atribuiu à arbitrariedade e aos signos relativamente motivados.

No quadro abaixo, ilustramos a importância da concepção de signos relativamente motivados:

Quadro 4 – Exemplos de signos relativamente motivados

LÍNGUA	SUFIXO	EXEMPLOS
Francês	-ment	Fréquemment
Português	-mente	Frequentemente, tardiamente
Português	-eiro	Brasileiro, estrangeiro
Português	-s	Casas, meninos, luvas
Inglês	-s	Ships, flags, birds, books
Inglês	-dom	Freedom, kingdom

Fonte: adaptado de Saussure (1995, p. 146)

Um outro princípio postulado por Saussure é o caráter linear do significante (SAUSSURE, 1995, p. 84).

1.3.4.2 O caráter linear do significante

De acordo com Saussure (1995, p. 84), “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha”. Este foi apresentado de modo pouco detalhado, mas ainda assim o mestre genebrino afirma que “todo o mecanismo da língua depende dele”.

Na sequência, o mestre continua:

Este princípio é evidente, mas parece que sempre se negligenciou enunciá-lo, sem dúvida porque foi considerado demasiadamente simples [...] Por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após outro; formam uma cadeia. Esse caráter aparece imediatamente quando

os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos (SAUSSURE, 1995, p. 84).

Na citação acima, Saussure apresenta um jogo de oposições para mostrar o caráter da linearidade dos significantes: os significantes visuais – como a imagem do relógio abaixo – não constituem um exemplo de significantes que possuem linearidade porque, ao olhar para uma imagem como esta, o interlocutor consegue depreender quase que instantaneamente os traços que a compõem e não há uma ordem por onde iniciar a exploração visual; o interlocutor pode iniciá-la pelos ponteiros, pelas bordas, pelos pontos, pelo suporte ou então apreender os significantes de uma única vez.

De um modo oposto, os significantes acústicos – correspondentes à imagem acústica – obrigatoriamente obedecem a uma linearidade, o que significa dizer que “se apresentam um após o outro; formam uma cadeia” (SAUSSURE, 1995, p. 84). Em outras palavras, ao perceber o significante do signo relógio, o interlocutor só consegue perceber um elemento de cada vez, seguindo sua ordem no tempo. Ao ouvir ou pronunciar /Re’lɔʒio/, ouvimos ou pronunciamos primeiro o /r/, depois o /e/, depois o /l/ e assim por diante. Esse encadeamento “exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 1995, p. 142). De igual modo, ao escrever, o interlocutor também segue um encadeamento: primeiro escreve o r, depois o e, depois o l e assim por diante.

Como já alertou o mestre franco-suíço, esse princípio é tão importante que “todo o mecanismo da língua depende dele” (SAUSSURE, 1995, p. 84). Da mesma forma, as unidades interpretáveis constituintes de uma oração qualquer também precisam estar dispostas em cadeia. Assim sendo, uma oração do tipo o relógio caiu no fundo do mar segue esse encadeamento,

observando que é impossível pronunciar ou escrever duas unidades ao mesmo tempo, já que obrigatoriamente elas estão dispostas seguindo uma linha. Esse princípio parece óbvio, mas ainda não havia sido formulado, como lembra o mestre. Abaixo, abordaremos a imutabilidade e a mutabilidade do signo.

1.3.4.3 A imutabilidade e a mutabilidade do signo

O signo linguístico concebido por Saussure é imutável, e o autor se utiliza de quatro argumentos para defender sua ideia. São eles:

1. O caráter arbitrário do signo. Vimos acima que o caráter arbitrário do signo nos fazia admitir a possibilidade teórica da mudança; aprofundando a questão, vemos que, de fato, a própria arbitrariedade do signo põe a língua ao abrigo de toda tentativa que vise a modificá-la. A massa, ainda que fosse mais consciente do que é, não poderia discuti-la. Pois, para que uma coisa seja posta em questão, é necessário que se baseie numa norma razoável. [...] não existe motivo algum para preferir *soeur* a *sister*, ou a irmã, *ochs* a *boeuf* ou *boi* (SAUSSURE, 1995, p. 87).

O primeiro argumento reza que o caráter arbitrário do signo – ou seja, o fato de este ser em parte imotivado – contribui para que ele seja imutável, pois ele consegue por “a língua ao abrigo de toda tentativa que vise a modificá-la” (SAUSSURE, 1995, p. 87). O segundo argumento segue abaixo:

2. A multidão de signos necessários para constituir qualquer língua. A importância desse fato é considerável. Um sistema de escrita composto de vinte a quarenta letras pode, a rigor, ser substituído por outro. O mesmo poderia suceder à língua se ela encerrasse um número limitado de elementos; mas os signos linguísticos são inumeráveis (SAUSSURE, 1995, p. 87).

De acordo com o argumento acima, a quantidade de signos de qualquer língua é inumerável e, devido a esse fato, não é possível mudá-los e esse é um dos fatores que garantem a sua estabilidade. O terceiro argumento diz o seguinte:

3. O caráter demasiado complexo do sistema. Uma língua constitui um sistema. Se, como veremos adiante, esse é o lado pelo qual a língua não é completamente arbitrária e onde impera uma razão relativa, é também o ponto onde avulta a incompetência da massa para transformá-la. Pois tal sistema é um mecanismo complexo; só se pode compreendê-lo pela reflexão; mesmo aqueles que dele fazem uso cotidiano, ignoram-no profundamente. Não se poderia conceber uma transformação que tal sem a intervenção de especialistas, gramáticos, lógicos etc.; a experiência, porém, mostra que até agora as intervenções nesse sentido não tiveram êxito algum (SAUSSURE, 1995, p. 87).

Na visão do mestre genebrino, o signo linguístico não muda devido a sua complexidade. Seria necessário organizar um evento de tal magnitude que reunisse especialistas, gramáticos, lógicos, enfim, teóricos que conheçam profundamente a complexidade do sistema linguístico, uma vez que a massa, ou seja, a comunidade de usuários da língua, não seria capaz de fazer essa intervenção. O último argumento diz o seguinte:

4. A resistência da inércia coletiva a toda renovação linguística. A língua – e esta consideração sobreleva todas as demais – é, a cada momento, tarefa de toda a gente; difundida por uma massa e manejada por ela, é algo de que todos os indivíduos se servem o dia inteiro. Nesse particular, não se pode estabelecer comparação alguma entre ela e as outras instituições. As prescrições de um código, os ritos de uma religião, os sinais marítimos etc., não ocupam mais que certo número de indivíduos por vez e durante tempo limitado; da língua, ao contrário, cada qual participa a

todo instante e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de todos. Esse fato capital basta para demonstrar a impossibilidade de uma revolução. A língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas. A língua forma um todo com a vida da massa social e esta, sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fator de conservação. (SAUSSURE, 1995, p. 88).

De acordo com a premissa do quarto argumento, os signos não mudam porque estão sendo usados a cada momento e por todos os membros da comunidade, a “massa social”. Um pouco antes, o mestre já havia declarado que nem o indivíduo nem a massa podem modificar os signos, pois estes “escapam à nossa vontade” (SAUSSURE, 1995, p. 85). A língua não se renova porque há uma resistência à mudança por parte da massa social, que herda os signos e a ela “cumpre receber como tal”. Entretanto, esses signos também podem sofrer mutabilidade, conforme podemos ver abaixo:

O tempo, que assegura a continuidade da língua, tem um outro efeito, em aparência contraditório com o primeiro: o de alterar mais ou menos rapidamente os signos linguísticos e, em certo sentido, pode-se falar, ao mesmo tempo, da imutabilidade e mutabilidade do signo. [...] Em primeiro lugar, não nos equivoquemos sobre o sentido dado aqui ao termo *alteração*. Poder-se-ia fazer acreditar que se tratasse especialmente de transformações fonéticas sofridas pelo significante ou então transformações do sentido que afetam o conceito significado. Semelhante perspectiva seria insuficiente. Sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um *deslocamento da relação entre o significado e o significante* (SAUSSURE, 1995, p. 89, *itálicos do autor*).

Para Saussure, os signos sofrem alteração, como se fosse um desgaste que provoca “deslocamento” capaz de afrouxar as relações entre o signi-

ficado e o significante ou, ainda, eles evoluem internamente com o tempo. Há vários fatores que agem incessantemente a fim de desencadear essa alteração e a língua é “radicalmente incapaz de se defender” (SAUSSURE, 1995, p. 90) destes.

1.3.5 O valor

O capítulo II inicia com a seguinte declaração: “Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais (ver p. 23); é deles e de suas relações que a Linguística se ocupa; podem ser chamados *entidades concretas* desta ciência” (SAUSSURE, 1995, p. 119). Em outras palavras, o autor está afirmando que existe uma ciência chamada Linguística e que os signos, as entidades concretas, são objetos reais dessa ciência.

Essa declaração é motivada pela constatação de que, em outras ciências, suas unidades já são conhecidas desde o início destas, como, por exemplo, a unidade da Zoologia é o animal; a unidade da Astronomia é o astro e assim por diante. De igual maneira, a Linguística também é uma ciência que tem unidades concretas para estudar: os signos, que “não são abstrações, mas objetos reais” (idem), que podem oferecer certa dificuldade de percepção à primeira vista.

Em seguida, o autor declara: “A entidade linguística não está completamente determinada enquanto não esteja delimitada, separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica. São essas entidades delimitadas ou unidades que se opõem no mecanismo da língua” (SAUSSURE, 1995, p. 120). Essas entidades não existem em si mesmas, mas passam a existir, a adquirir um valor, quando colocadas em oposição a outras entidades dentro de um sistema linguístico considerado em uma sincronia. A essas entidades criadas por meio da oposição, que são as unidades instituídas pela língua, o autor chamou *formas*, em contraste a *substâncias*, que são o suporte físico destas.

Mais adiante, o mestre continua sua definição sobre os valores linguísticos: “Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são”. O valor dos signos linguísticos é atribuído quando cada um é colocado em situação de oposição aos demais dentro de um mesmo sistema.

Ao exemplificar essa relação de oposição, Saussure usa exemplos de línguas diferentes, a fim de deixar mais claro o que quer dizer: o valor que a língua portuguesa atribui à palavra *carneiro* não é o mesmo que a língua inglesa atribui a *sheep*, embora estas possuam a mesma significação; ao preparar uma carne de *carneiro*, um interlocutor de português chamaria essa carne *carneiro*, enquanto um interlocutor inglês chamaria *mutton*. De acordo com o mestre, isso se dá devido ao fato de que o inglês tem um segundo termo (*mutton* ao lado de *sheep*), enquanto o português não. Logo, “não há correspondência exata de valores” (SAUSSURE, 1995, p. 135).

Um outro exemplo é dado: palavras sinônimas como os verbos *recear*, *temer*, *ter medo*, se opõem entre si e essa oposição gera o valor próprio de cada uma; de acordo com o mestre, se *recear*, por exemplo, “não existisse, todo o seu conteúdo iria para os seus concorrentes” (SAUSSURE, 1995, p. 135).

Mais uma ilustração pode ser dada, estabelecendo-se uma comparação entre uma língua como o protogermânico, que não possui uma forma própria para designar o futuro, e outras que a possuam. Dizer que aquela língua exprime a ideia de futuro por meio de formas do presente é, de acordo com o autor, afirmar-se “impropriamente, pois o valor de um presente não é o mesmo em germânico e nas línguas que têm um futuro a par do presente” (SAUSSURE, 1995, p. 136).

1.3.6 Relações sintagmáticas e relações associativas

No capítulo V do CLG, Saussure (1995, p. 142) inicia com a seguinte declaração:

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua.

Neste capítulo do Curso, Saussure afirma que as unidades do sistema linguístico se relacionam em duas esferas e essa noção de relação é muito importante para que possamos compreender como é a vida da língua. Vejamos cada esfera.

1.3.6.1 As relações sintagmáticas

A expressão relações sintagmáticas é sinônimo de relações combinatórias, uma vez que estas combinam dois ou mais elementos consecutivos dispostos em uma linha do tempo – no discurso. É nesses sintagmas que cada unidade linguística adquire seu valor, por estabelecer uma relação de oposição à unidade que a precede ou à que a sucede ou a ambas (SAUSSURE, 1995, p. 142)

O mestre suíço exemplifica os sintagmas com as seguintes entidades: re-ler, contra todos; a vida humana, se fizer bom tempo, sairemos (idem). Como podemos perceber, o conceito de sintagma proposto por Saussure é diferente do usado pela Linguística do século XXI, uma vez que para ele o sintagma pode ser constituído de palavras compostas, derivadas, partes de uma frase ou frases inteiras (SAUSSURE, 1995, p. 144); portanto, é mais abrangente que o conceito de sintagma que a Linguística moderna usa

para designar os grupos de elementos contíguos que formam unidades organizacionais hierárquicas dentro de uma frase.

As características das relações sintagmáticas são as seguintes: a) elas existem *in praesentia*, o que significa dizer que elas podem ser estabelecidas quando dois ou mais termos estiverem presentes numa série efetiva. b) os elementos constituintes dos sintagmas seguem uma ordem cristalizada na língua: conforme o primeiro exemplo acima com o verbo *reler*, constatamos que a ordem é colocar primeiro o prefixo *re-* e a este unir o radical e os demais componentes da palavra. c) o número de elementos é limitado.

1.3.6.2 As relações associativas

Saussure (1995, p. 145) define as relações associativas como “os grupos formados por associação mental”; em outras palavras, eles não se encontram na cadeia do discurso, mas na memória do locutor, no seu cérebro, como o mestre ensina: “Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (SAUSSURE, 1995, p. 143).

Como características das associações associativas, o mestre assinala: a) elas unem termos *in absentia*, ou seja, em ausência, significando que estes não estão no discurso, mas na memória do locutor, já que ele é possuidor do tesouro que constitui o sistema linguístico. b) as relações associativas não apresentam nem número de elementos definido – com exceção dos paradigmas de flexão verbal – nem uma ordem determinada (SAUSSURE, 1995, p. 146).

Como exemplo de relações associativas, Saussure (1995, p. 146) mostra possíveis encadeamentos mnemônicos a partir da unidade ensinamento, como podemos ver abaixo:

Quadro 5 – A palavra ensinamento em um encadeamento mnemônico

ensinamento	ensinamento	ensinamento	ensinamento
ensinar	aprendizagem	desfiguramento	elemento
ensinemos	educação	armamento	lento

Fonte: Saussure (1995, p. 146)

1.3.7 A dicotomia sincronia e diacronia

A oposição entre sincronia e diacronia é um marco importante para a teoria iniciada por Saussure. Sobre essa oposição, o mestre assim se pronuncia: “Para melhor assinalar essa oposição, porém, e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Linguística sincrônica e de Linguística diacrônica” (SAUSSURE, 1995, p. 96).

Ele prossegue declarando que a Linguística sincrônica deve se ocupar “das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva” (SAUSSURE, 1995, p. 116), enquanto que cabe à Linguística diacrônica estudar, “ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si” (IDEM).

Em outras palavras, o mestre suíço associa ao termo sincronia o adjetivo estático, indicando um estado de língua; à diacronia, ele associa mais de um estado da língua – uma fase de evolução (SAUSSURE, 1995, p. 96). Dentre esses dois aspectos, o autor afirma que o sincrônico é mais importante, pois, “para a massa falante, ele constitui a verdadeira e única realidade [...]” (SAUSSURE, 1995, p. 106).

Sobre o diacrônico, esse aspecto não constitui uma realidade para o falante, porque, para se comunicar, ele não precisa conhecer a evolução da língua; apenas o linguista se interessa por esse aspecto, conforme o mestre declara: “se este [o linguista] se coloca na perspectiva diacrônica,

não é mais a língua o que percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam [...]” (SAUSSURE, 1995, p. 106).

1.4 Metodologia para a pesquisa

Saussure declara que as Linguísticas sincrônica e diacrônica se opõem quanto ao método de análise. Nesta seção, descrevemos alguns dos aspectos dessa oposição.

1.4.1 A metodologia da pesquisa sincrônica

O mestre suíço aponta que, em primeiro lugar, “A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas” (SAUSSURE, 1995, p. 106).

A perspectiva das pessoas que falam postulada pelo autor se opõe à metodologia mais usual de seu tempo, empregada pelos comparatistas e neogramáticos, que tinham como objeto de estudo as palavras que apresentavam semelhanças nas diversas línguas com o propósito de estabelecer comparações. Ao contrário do que era praticado em seu tempo, o mestre genebrino abandonou essa prática e instituiu uma metodologia que contempla a investigação da língua por meio da coleta de amostras do testemunho de seus falantes.

Um segundo método é apontado pelo mestre da seguinte maneira:

O estudo sincrônico não tem por objeto tudo quanto seja simultâneo, mas somente o conjunto dos fatos correspondentes a cada língua; na medida em que tal for necessário, a separação irá até os dialetos e subdialetos. No fundo, o termo sincrônico não é bastante preciso; deveria ser substituído pela designação – um pouco longa, na verdade – de idiossincrônico (SAUSSURE, 1995, p. 106).

A ideia que podemos depreender da declaração acima é um tanto vaga, mas, logo em seguida, ao apontar a segunda diferença entre os dois métodos, o autor esclarece que a sincronia – idiossincronia – deve se ocupar apenas do estudo da relação entre os elementos simultâneos de uma dada língua e isso exclui – pelo menos no primeiro momento e em parte – os dialetos e subdialetos dessa língua, bem como elementos que pertençam a alguma outra língua.

Os elementos simultâneos citados acima são retirados da gramática geral, “pois é somente pelos estados de língua que se estabelecem as diferentes relações que incumbem à gramática” (SAUSSURE, 1995, p. 117). Acerca do termo estado, o mestre observa que é um problema para a Linguística sincrônica determinar um estado de língua, ou seja, determinar exatamente quando uma sincronia se inicia e quando termina; assim sendo, a noção de tempo que assinala os marcos é aproximativa (SAUSSURE, 1995, p. 118).

A Linguística sincrônica se ocupa da compreensão do sistema idiossincrônico, “estabelecendo seus princípios fundamentais e os fatores constitutivos de todo estado de língua” (SAUSSURE, 1995, p. 117). Saussure sugere que as unidades linguísticas – pelo aspecto do valor – devam ser o ponto de partida de um estudo idiossincrônico e alerta para a dificuldade dessa tarefa, visto que é fácil abordar esse tema do ponto de vista teórico, mas na prática o linguista deve ter muito trabalho para determinar, delimitar, classificar etc. Saussure termina suas observações sobre esse tema, nessa seção, com a seguinte declaração: “[...] Não se pode dizer que os linguistas se tenham jamais colocado diante desse problema central, nem que lhe tenham compreendido a importância e a dificuldade; em matéria de língua, contentaram-se sempre em operar com unidades mal definidas” (SAUSSURE, 1995, p. 129).

1.4.2 A metodologia da pesquisa diacrônica

Para Saussure, as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Linguística diacrônica são mais fáceis de realizar e ele justifica sua afirmação ao descrever os dois métodos dessa linguística. Vejamos. O primeiro consiste em que um estudo diacrônico deve distinguir duas perspectivas: “uma prospectiva, que acompanhe o curso do tempo, e outra retrospectiva, que faça o mesmo em sentido contrário” (SAUSSURE, 1995, p. 129).

Por prospecção, o autor entende o método de narrar e criticar uma determinada parte de um documento histórico ou o seu todo, ao passo que a retrospectiva remonta o curso do tempo até chegar à forma mais antiga, reconstruindo a origem das formas por meio de comparação entre signos diferentes que possuam a mesma origem.

O segundo consiste em afirmar que a Linguística diacrônica analisa não apenas termos de uma língua dada, mas também termos de outras que tenham origem comum, desde que tenham um “vínculo histórico, por mais indireto que seja” (SAUSSURE, 1995, p. 107).

1.5 Recorte de uma pesquisa

Nas seções acima, vimos que Saussure privilegia os estudos sincrônicos, descrevendo suas unidades e analisando-as (SAUSSURE, 1995, p. 128). Como sugestão de um recorte de pesquisa, tomamos a obra de Câmara Júnior (1997), que se ocupa de descrever os elementos idiossincrônicos da língua portuguesa falada nas décadas de 50 e 60, quais sejam, as unidades linguísticas de usuários do falar culto da cidade do Rio de Janeiro. Câmara Júnior justifica sua opção pelo falar culto, porque ela é mais adequada a uma obra que pretende servir de suporte para o ensino escolar.

Sua obra *Estrutura da Língua Portuguesa* pode ser considerada uma gramática descritiva, no sentido de que sua abordagem é feita de “maneira sistemática, objetiva e coerente” (CÂMARA JÚNIOR, 1997, p. 13). Essa

sistematização consiste em coletar amostras de dados de fala e escrita de usuários do português falado no Rio de Janeiro, de sorte que a abordagem adquira feição científica, porque lança mão de critérios rigorosos de investigação.

A relevância de uma gramática descritiva consiste no fato de que ela faz parte da linguística pura, no sentido de que cabe à gramática descritiva coletar, descrever e analisar os dados da pesquisa, mas não cabe a essa disciplina normatizar, pois isso é tarefa da disciplina normativa (CÂMARA JÚNIOR, 1997, p. 15).

1.6 Considerações finais

Neste capítulo, tivemos como objetivo apresentar ao leitor uma visão panorâmica das principais teses elaboradas por Saussure, tendo em vista sua importância para o surgimento da escola denominada Estruturalismo. Descrevemo-las, contudo, sem a preocupação de estabelecer julgamento sobre a posição assumida pelo mestre genebrino, tendo em vista que este capítulo se propõe oferecer ao aluno uma leitura possível e introdutória do Curso de Linguística Geral.

Algumas das ideias defendidas por Saussure foram consideradas inovadoras e provocaram reações de aceitação e também de rejeição, como era de esperar – muitos de seus próprios alunos discordaram de seu modo de pensar e seguiram por caminhos teóricos diferentes do aprendido com o mestre. Nos próximos capítulos, o leitor deverá interagir com textos que refletem essa reação ao ensinado pelo autor do Curso.

REFERÊNCIAS

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. v. 3.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As Grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.